

Fotos: RETH MUNHOZ



Máquinas continuaram a limpeza da área para evitar uso do material



Cavalaria impede ex-moradores de retirar o material dos barracos

Polícia ainda vigia a 110 Norte

Objetivo é evitar o ressurgimento da favela derrubada domingo

Manter limpa a área da 110 Norte onde existia a favela derrubada domingo, a fim de evitar o seu ressurgimento, é a principal preocupação do GDF, que continuou ontem com a queima das sobras dos barracos. A Polícia Militar repeliu ex-favelados e moradores em outros locais, que tentaram recolher restos de madeira que escaparam à fogueira feita na noite de domingo. A cavalaria da PM manterá o local sob vigilância, até que não haja mais vestígios dos barracos, enquanto o GDF estuda a criação de uma cidade, em território goiano, para assentar todos os favelados.

As famílias agrupadas no Centro Paroquial Nossa Senhora das Graças, na 908 Norte, estão recebendo assistência da Comissão de Justiça e Paz da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Foram oferecidos mais 50 lotes em Brasília e outros 30 no Combinado Agrourbano, para os que tenham vocação agrícola. O cadastramento vem sendo feito pela Fundação de Serviços Sociais na Igreja da 908 Norte e no Centro de Triage de Migrantes (Cetrimi), na Rodoviária do Plano Piloto. A posição dos favelados é de não aceitar moradia fora do DF. Os que não conseguiram abrigo em casas de parentes e nem aceitaram ir para a igreja, alojaram-se nas passagens subterrâneas da Asa Norte.

REMOÇÃO

O trabalho de remoção do que restou dos barracos foi feito ontem, por meio de duas motoniveladoras usadas na véspera. Misturados aos operários da Terracap e aos cavalários que policiam o local, ex-moradores tentavam resgatar madeiras, telhas e pedaços de lona. Havia, contudo, ordens expressas do comandante do 1º Batalhão de Polícia Militar, tenente-coronel Isaias Silveira, para que nada fosse retirado, a fim de evitar que o material seja utilizado em novas invasões. O comandante disse que os policiais ficarão no local até a limpeza final, esperando que a Caixa Econômica e a UnB, proprietárias da maior parte das projeções, cerquem a área.

Demitido da firma Opção, onde trabalhava como vigia, por não ter-se apresentado ao serviço neste fim de semana, já que ficara na favela na expectativa da remoção, João José Miranda era um dos que tentavam recolher sobras de madeiras. Ele foi com a mulher Geronilde Miranda e o filho João Vitor, de um ano e dois meses, para o barraco de uma amiga na favela do Ceub, para onde foi a maioria dos que viviam na 110. Ele levou seus pertences — fogão, cama e botijão de gás —, em um carrinho de mão. Outro a tentar reaver o material do barraco foi João Pereira de Andrade. Dono de lote em Planaltina, ele só decidiu mudar-se para lá ao ver seu barraco derrubado. Com ele foram sua mulher Maria Vonde, seu irmão Lourival (com cinco filhos), e os primos João (com três crianças) Joselino (dois filhos), e Sebastião (com um).

Elvira Faria de Oliveira passou a manhã toda na favela à procura de sua irmã Constantina, seus sobrinhos João e Maria, e uma nora de Constantina. Elvira tem lote em Planaltina, na Vila Pombal. Há dois anos, vinha insistindo com Constantina para que fosse morar em um outro lote seu, em Brasília. Contudo, ela nunca aceitou a ideia.

GDF transfere responsabilidade

Com a demolição total da invasão da 110 Norte, realizada domingo, através de ação conjunta das Secretarias de Segurança Pública, Serviços Sociais e Viação e Obras, além do Serviço de Limpeza Urbana, termina a participação do Governo do Distrito Federal neste episódio. A fiscalização para que a área não volte a ser ocupada por novos invasores cabe agora, de acordo com o secretário de Viação e Obras, Carlos Magalhães, à Universidade de Brasília, Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal, proprietários das onze projeções situadas naquele espaço.

Cristóvam Buarque, reitor da UnB, proprietária de cinco projeções, afirma que não colocará nem guardas nem cercas e não entrará com medida judicial contra ninguém, caso venha a surgir outra invasão no local. Na opinião do reitor, esta não é a solução porque se for realizada fiscalização rigorosa pelos proprietários das projeções da 110 Norte, os invasores não ocuparão aquele espaço, mas se dirigirão para as entrequadradas, o que só agravaria o problema.



Funcionárias cadastram os que aceitam mudar-se para outras áreas no DF

Abrigo não diminui incertezas

Risoto de frango no jantar, café, leite e pão com manteiga pela manhã, e laranja como lanche horas depois, foi o cardápio servido a 80 famílias abrigadas no Centro Paroquial Nossa Senhora das Graças. Nada, contudo, afastava dos rostos a amargura pela casa perdida e a incerteza do futuro. Homens, mulheres e crianças passaram a noite sobre tapetes, papelões e folhas de jornal oferecidos pela paróquia, que ainda conseguiu cobertores para alguns. Novos desabrigados se apresentaram ontem.

Uma equipe da Fundação de Serviços Sociais fez o cadastramento para a entrega de lotes oferecidos em Brasília e no Combinado Agro-urbano. O secretário de Serviços Sociais, Adolfo Lopes, percorreu os albergues postos à disposição dos favelados, para verificar se tinha havido alguma procura. Na noite de domingo nenhum favelado aceitou a ideia de ir para o albergue. O secretário cogitou de uma visita à igreja, mas preferiu "deixar para mais tarde", a fim de evitar reações.

VISITA

Adolfo Lopes esteve na 110 para avaliar como estavam seguindo os trabalhos. Para ele, o importante é que a área fique limpa o mais depressa possível, e que seja mantida sob vigilância, principalmente agora, a fim de evitar que pessoas caiam nas fossas abertas pelos favelados ou firam-se em pregos e cacos de garrafas, de que o local está cheio.

Adolfo Lopes descartou a possibilidade de qualquer assentamento no DF, afirmando que o trabalho de sua secretaria será dirigido agora para a remoção das famílias que moram em passagens subterrâneas. Segundo ele, estas pessoas terão de convencer-se de que não podem ficar.

A experiência da 110 Norte foi válida, afirmou o secretário, acrescentando que o Governo deu uma demonstração de que está disposto a erradicar todas as favelas. O governador José Aparecido terá um encontro com o de Goiás, Henrique Santillo, tentando obter área para um assentamento gigante, "quase que uma nova cidade". A lição que ficou da tentativa de fixar as famílias em Padre Bernardo e no Parque Girassol é de que toda uma infra-estrutura tem de ser montada antes dos assentamentos. Assim, a área que vier a ser escolhida será terra-planada e dotada de escolas, postos de saúde e poços. Qualquer que seja a favela que se decida erradicar, haverá a prévia escolha de um local adequado para receber as famílias. A ideia de Adolfo Lopes é de que se criem pequenas indústrias, possivelmente ligadas à atividade agrícola, para aproveitar a mão-de-obra disponível.

PASSARELAS

O número de passagens subterrâneas ocupadas por pessoas sem moradia, problema que a Secretaria de Serviços Sociais pretende atacar de pronto, aumentou a partir de domingo. Seis famílias que viviam na 110 instalaram-se na passarela existente no limite com a 109. Com os barracos no chão, puseram seus pertences nas costas e mudaram-se para

a passarela. Cada um dos três segmentos da passagem que leva à 209 foi dividido ao meio, para abrigar todas as famílias.

Morar na passagem subterrânea foi a alternativa para Francielena Moura Vasconcelos, servente do Ministério das Comunicações, casada com Francisco Neri e mãe de sete filhos. Seus vizinhos na passagem sob o Eixinho, junto à 109, são Raimundo Dias de Carvalho, a mulher Leda Maria e seus irmãos Maria Lúcia Pereira da Silva e Dvair Dias de Carvalho.

Sob o Eixão estão morando Tânia Maria da Silva, seu

companheiro Antônio Carlos Cardoso e um casal de filhos. Tânia disse que a solução para ela "foi virar metrô e morar como tatu". Num outro segmento estão morando Luiz Bezerra da Silva, sua mulher Maria de Nazaré Barbosa e sete filhos. As áreas sob o Eixinho que dá acesso à Ponte do Brageto ainda estão vazias, mas "já têm dono", segundo um dos filhos de Luiz. As famílias que vão morar lá já fizeram a limpeza, arrancando o capim que crescia e estavam na dependência de retirar seus pertences, levados para o depósito da Novacap no SIA.



Igreja abriga os que não têm alternativa de moradia

Jaconias, "um anjo de bondade"

Um tenente da PM pagou por não ter dado ouvidos ao aviso que "o crioulo enfezado era um país em guerra". "Com a ajuda de um grupo de soldados, quis prender Jacônias da Silva Cesário, — 1.75 m de altura e quase 100 kg de peso — durante a derrubada de barracos da 110 Norte. Acabou imobilizado por uma gravata de Jacônias e só foi solto quando deu ordens para que os soldados parassem de espancá-lo.

Homem sereno, apaixonado por sua profissão de cozinheiro, "um anjo de bondade" segundo sua mulher Antonia, Jacônias perdeu a calma ao ver a derrubada dos barracos na favela onde morava. Irritado, ameaçou tocar fogo no seu, antecipando o que seria feito mais tarde com a cobertura da PM. Foi colocado a custo na "cápsula" da viatura policial. Na pressa de ver o homem contido, o tenente teve uma das mãos espremida por um dos soldados, no momento de fechar a porta do veículo.

Uma vida voltada para as panelas. Assim se define Jacônias, agora abrigado, com a mulher e o filho David, de um ano e oito meses, a morar na igreja Nossa Senhora das Graças. Era cozinheiro-chefe do Plantel e agora trabalha numa outra casa do grupo, o Boca de Pito, na 314 Norte. Sua especialidade é a lagosta flambada, preparada à vista do freguês. O maior orgulho

são as panelas que Antônio usa. Quando morava na favela, deixava-as "espelhando" H. H. usando toda sua força na esponja de aço. As panelas agora estão no depósito da Novacap. Jacônias, liberado ainda no domingo, após levar "um sabão do delegado de dia, e uns sopapos dos soldados", que em nada o afetaram — foi ontem verificar como estão os utensílios, achando "que ficaram num lugar bom, empilhados junto com tudo que tinha em casa".

Sua ausência no trabalho, no domingo, obrigou o dono a fechar as portas, suspendendo o banquete programado para um grupo de deputados. Com o chefe da cozinha às voltas com a derrubada de seu barraco e depois preso, não havia como fazer funcionar o restaurante. Ontem, Jacônias estaria novamente a postos, agradecido por seu patrão ter-lhe levado o jantar no domingo. ele aceita ir para um dos lotes oferecidos no combinado agrourbano, com base em experiência no trabalho de chacareiro, na Ponte Alta e Abadiânia. Não pretende deixar o restaurante, trabalhando à noite. Está acostumado a dormir somente três ou quatro horas. Chega de madrugada em casa, mas logo David acorda e começa a brincar, sentando-se sobre ele. A situação tende a agravar-se, pois Antônio está novamente grávida. Jacônias acha que sobrarão para ele, quando o bebê chorar de madrugada.